

## Notícias do caju (séc. XVI-XX)

Prof. Dr. Francisco José Alves

Departamento de História – UFS

[fjalves@infonet.com.br](mailto:fjalves@infonet.com.br)

*Para a amiga Denise Albano, filha insigne da terra dos cajus.*

O caju ocupa lugar especial entre as frutas do Nordeste. Do *anacardium occidentale*, na fala dos botânicos, se come o “fruto” e se faz farinha e sucos. Também se come a castanha, cozida ou torrada. No passado, o caju fazia as delícias dos tupinambá do litoral brasileiro. A tal ponto chegava a importância do “fruto” entre aquele povo que a posse dos cajueirais era motivo de guerra. Todavia, o caju não agradou somente ao silvícola. O colonizador também foi seduzido pelos encantos do fruto brasileiro.

Façamos um breve apanhado do quê cronistas, poetas e romancistas disseram sobre o célebre “fruto”.

Velha nota sobre o caju é dada pelo cronista Pero de Magalhães Gandavo. Em sua *História da Província de Santa Cruz*, lançada em 1576, o autor descreve o fruto e diz que “o caju come-se para refrescar”, acrescenta ele sobre a castanha que esta é mais gostosa que a amêndoa europeia. Observe-se que, sessenta anos após o descobrimento, o caju já tinha ganhado a fama de fruta saudável entre os europeus aqui aportados.

Ainda do século XVI, temos o informe de Fernão Cardim (1549-1625). O visitante deixou muitos dados relativos ao caju e seus usos. No texto **Do clima e da terra do Brasil**, louva as castanhas dizendo que elas “são boas para calma e refrescam muito”. O jesuíta informa também que os índios usavam o caju para fazer bebida.

O fazendeiro baiano Gabriel Soares de Sousa (1540-1592), em testemunho de 1587, fornece outra notícia sobre o *anacardium occidentale*. Diz-nos o cronista que o caju tinha uso medicinal, sendo usado para combater febres e males do estomago. Vivendo na Bahia quinhentista, o cronista, muito provavelmente, se deliciou com o substancioso caju. Certamente fala com conhecimento de causa.

Dos começos do século XVII vem outra notícia dada pelo Frei Vicente do Salvador (1564-1639). O franciscano nos informa que os índios muito prezavam o caju. Segundo ele, os tupinambá, no mês de dezembro, não queriam “outro mantimento, bebida ou regalo”. O mesmo informante fala-nos que a castanha de caju era muito prezada pelas mulheres brancas. O informe do franciscano dá conta do sincretismo culinário que então se operava: as castanhas de caju vão substituindo as amêndoas europeias.

Do uso das castanhas de caju no lugar das amêndoas também fala o barroco Sebastião da Rocha Pita (1660-1738). Elencando os produtos brasileiros, em sua **História da América Portuguesa** (1730), ele registra que “as castanhas de caju estando maduras se come assadas e se confeitam como as amêndoas”. O mesmo Rocha Pita informa que dos maturis se faziam excelentes guisados.

O autor dos **Diálogos das grandezas do Brasil**, para alguns Ambrósio Fernandes Brandão, é outro cronista do século XVII a noticiar o caju. Em um dos diálogos da sua obra, Brandão destaca o caju e a castanha. As castanhas, no dizer do cronista, “são muito gostosas no comer e de muito nutrimento”. O depoente também informa que a população não-indígena havia aderido aos encantos do vinho de caju, herdado dos índios. Pelo paladar, os vencidos haviam conquistado os vencedores.

Ainda no século XVII, há a notícia dada pelo jesuíta Simão de Vasconcelos (1596-1671). Em suas “Coisas do Brasil”, o religioso nos diz como era fabricado o vinho de caju. Falando do fruto, o jesuíta é hiperbólico. Segundo ele, o cajueiro é “a mais aprazível e graciosa de todas as árvores da América”. Vasconcelos é mais um a se encantar com o caju e a lhe fazer rasgados elogios.

Os registros continuam no século XVIII. O Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão (1695–1768) é uma outra fonte colonial que nos dá nota sobre o caju. Em obra de 1671, o franciscano, além de louvar os cajus, informa que eles “servem aos humanos de singular medicina para alguns achaques.” O registro do frei setecentista documenta a continuidade da crença quanto as virtudes terapêuticas do *anacardium occidentale*.

Todavia, não somente cronistas noticiaram o caju, também os poetas da fase colonial celebraram o fruto. Neste rol merece menção o caso do poeta Manoel Botelho de Oliveira (1636-1711). O fruto figura em seu **Música do Parnasso**, vindo a lume em 1705. Verseja o artista: “de várias cores são os belos cajus/ uns são vermelhos outros amarelos/ e como vários são nas várias cores/ também se mostram vários nos sabores.” Outro poeta, o baiano frei Manoel de Santa Maria Itaparica (1704-1768), em versos grandiloquentes, retrata o fruto: “inumeráveis são os belos cajus/ que estão dando prazer por rubicundos”. Arremata o poeta dizendo da superioridade da castanha de caju sobre as amêndoas europeias.

Outra notícia poética do caju, vem de José Bonifácio de Andrada e Silva, dito “O Moço” (1827-1886), parente do patriarca da Independência. Em **Rosas e Goivos**, lançada em 1848, o Andrada se vale do caju como símile poético: “nos curtos lábios o jambo/ seus perfumes exalavam tão doces como o caju”. A partir de então, o caju terá presença frequente na literatura, conotando sempre doçura e suavidade, como nos versos do Andrada.

Com o romancista José de Alencar (1829-1877), atinge o caju sua apoteose literária. O fruto figura em romances como **O Guarani** (1857); **Iracema** (1865); **As minas de Prata** (1865); **Sonhos do Ouro** (1872); **A guerra dos mascates** (1873); e em **Ubirajara** (1874), último romance do autor.

Em **A Guerra dos Mascates**, o narrador pinta uma cena de almoço: “vem o infalível manjar branco, em seguida as castanhas de caju confeitadas”. Isto é, confeitadas. Nesta cena de Alencar, a castanha de caju adocicado já ganhou a cidade.

Após Alencar, o caju não deixou de figurar nas letras do Brasil. Pré-modernistas e modernistas documentam o fruto. Estes escritores registram, inclusive, o uso do caju como demarcador de tempo: “tempo dos cajus” e “chuvas dos cajus”. Este é o caso de Franklin Távora (1842-1888) em **O Matuto** (1878) e Euclides da Cunha (1866-1909) em **Os sertões** (1902).

Figura, enfim, o caju, em um monumento da literatura nacional, **Grande Sertão: Veredas** (1956), de João Guimarães Rosa. Em um passo da obra, o narrador retrata o caju como um componente da dieta do sertanejo. Diz o texto: “outro [homem] trazia um embornal de couro cheio de cajus vermelhos e amarelos”.

Como se vê, o caju tem merecido variados registros ao longo dos séculos. Essa constância parece evidenciar o quão importante tem sido o *anacardium occidentale*, o nosso caju.

#### FONTES UTILIZADAS:

- GANDAVO, Pero Magalhães. **História da província de Santa Cruz**. São Paulo: Edusp, 1980. p. 98.
- CARDIM, Fernão. **Tratados da Terra e Gente do Brasil**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1978. p. 38.
- SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado Descritivo do Brasil**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1987.
- SALVADOR, Frei Vicente do. **História do Brasil**. 6 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1975. P. 66.
- PITA, Sebastião da Rocha. **História da América Portuguesa**. Prefácio e notas de Pedro Calmon. Rio de Janeiro: W.M. Jackson, 1950. Livro I, § 39
- BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. **Diálogos das Grandezas do Brasil**. edição de Jaime Cortesão e Rodolfo Garcia. Rio de Janeiro: Dois mundos, 1943.
- VASCONCELOS, Simão. **Crônica da Companhia de Jesus no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- JABOATÃO, Antonio de Santão. **Novo Orbe Seráfico brasileiro**. Rio de Janeiro: IGHB, 1858. vol 2, livro 1, p. 27.
- OLIVEIRA, Manoel Botelho de. **Música do Parnasso**. Lisboa: Miguel Menescal: 1705. p. 131.
- ITAPARICA, Manoel de Santa Marica **Eustachidos**. Sem notas Tipográficas, Sem data, p. 125.
- ANDRADA E SILVA, José Bonifácio de. **Rosas e Goivos**. São Paulo: Typographia Liberal, 1848. p. 79.
- ALENCAR, José de. **A Guerra dos Mascates**. Rio de Janeiro: Garnier, 1873. v. 1, cap. 13, p. 151.
- ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. p. 538.